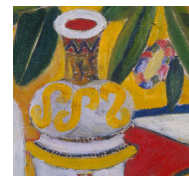


Escutando a Voz da Terra: uma (Eco)Psicologia para a Emergência Climática

Marco Aurélio Bilibio Carvalho

Artigo



Resumo

Este artigo apresenta a raiz ecológica do pensamento junguiano. Focalizar as percepções de Jung, Hillman e Merrit sobre as relações entre a psique e o mundo vivo de que faz parte é essencial nessa era em que a ação humana provoca transtornos talvez irreversíveis no equilíbrio do Planeta. A clínica junguiana, ao abraçar o enorme desafio ambiental, caminha para uma (Eco)Psicologia. E não lhe faltam elementos para esse importante desafio.

Palavras-chave: Emergência climática; Ecopsicologia; Ecologia Profunda; Ecocídio; Arrogância.

Introdução

Quando Hillman (1995a) disse que após 100 anos de psicoterapia o mundo está cada vez pior, havia incluído em suas reflexões o desastre ecológico que a sociedade ocidental deixava como um rastro de seu progresso. Porém, as informações que tinha sobre as emergências climáticas, que marcam uma fase potencialmente irreversível do desastre, vinham de suas leituras e conversas sobre relatórios científicos. Esse autor ainda viveu numa época em que as estações eram regulares e sem os episódios climáticos extremos frequentes, que nós começamos a viver e testemunhar com cada vez mais regularidade. O que Hillman sabia – e que a ciência alertava – passou a ser chamado de “o novo normal”.

Hoje, por sentirmos na pele os efeitos das mudanças do clima, as ainda renitentes falas negacionistas sobre sua inexistência se aproximam da irresponsabilidade e até do ridículo. Estava implícita, na citada obra de Hillman, que o campo da psicoterapia precisava se repensar. E um dos aspectos dessa revisão tem rapidamente se tornado urgente: nossas relações com o planeta que nos maternou a todos em nossa existência individual e coletiva. Von Franz mostrou

como essa agenda revisionista estava incrustada no coração de Jung. Afirmou que, nas últimas décadas de sua vida:

“Injúrias pessoais... não o afetavam tanto como o sofrimento no mundo contemporâneo, a devastação da natureza, os problemas do excesso populacional, a guerra, o estupro de culturas não-cristãs ainda em florescimento pela brutalidade da tecnologia moderna. Para Jung, esses problemas eram uma agonia que o mantinha constante e infatigavelmente à procura de qualquer possibilidade de uma transformação curativa que pudesse emergir das profundezas da psique.” (von Franz, 1998).

Jung morreu em 6 de junho de 1961 e não chegou a testemunhar o que sabia que viria: uma potente consciência ecológica coletiva, que irrompeu apenas um ano após sua morte. Em 1962, uma bióloga norte-americana, que havia se tornado famosa por seus artigos populares e programas de rádio sobre a vida marinha que encantavam a audiência, surgiu com uma obra sobre os efeitos dos agrotóxicos, um dos pilares da monocultura agrícola, na cadeia alimentar. Rachel Carson (2010) demonstrou por pesquisas que as substâncias tóxicas se acumulavam nos organismos que entravam em contato com estas, dos insetos envenenados iam para o corpo dos pássaros e lhes enfraqueciam a estrutura química dos ovos, não permitindo o desenvolvimento seguro dos filhotes. Essas substâncias passaram a ser encontradas no leite materno, também, e estavam associadas a problemas de saúde de várias ordens. Essa obra de 1962 marca o início do movimento ecológico contemporâneo.

A consciência ecológica de Jung, presente em muitos de seus escritos, deu origem a obras e artigos que salientaram uma vertente do pensamento junguiano, chamada por Dennis Merrit (2012) de uma ecopsicologia junguiana. Jung viu a profunda conexão entre a natureza interna e a natureza externa. Colocou o enraizamento da psique no mundo da natureza como central em sua concepção de ser humano, e o fez não apenas por uma incursão intelectual nos fundamentos do ser, mas por experiência direta. Seu olhar para a natureza corresponde ao de um velho pleno de sabedoria ecológica, tendo profundas percepções sobre a unidade entre psique e natureza.

No desenvolvimento do movimento ecológico, um importante marco foi um artigo intitulado *A Ecologia Superficial e a Ecologia Profunda de Longo Alcance* (Naess, 1973), em que o filósofo norueguês Arne Naess descreve a posição ativista que tenta diminuir o impacto da sociedade de consumo sobre os ecossistemas – a ecologia superficial – e a posição ativista que ousa um exercício filosófico radical de encontrar na mente humana as causas dos comportamentos que destroem esses ecossistemas – a ecologia profunda. Após esse artigo e seguindo uma série de outras publicações, surgiu o movimento da Ecologia Profunda, ao mesmo tempo uma área da filosofia ambiental e um movimento social que propunha uma reviravolta no

modo de pensar o Planeta. Entre suas proposições, está considerar que todas as espécies de seres vivos possuem um valor inerente e não associado a nossos interesses econômicos sobre elas. Propôs também que deveríamos diminuir nossa presença no Planeta se o exagero desta implica na diminuição dos direitos das outras espécies de também existirem. Naess viu na perspectiva antropocêntrica a raiz do pensamento ambientalmente disfuncional.

Uma Ecologia profunda precisa de uma Psicologia Profunda e é nesse quadro conceitual que vejo a entrada do pensamento junguiano na arena do pensamento ecológico. Em primeiro lugar, apontando que, na raiz da crise ecológica, está uma organização psíquica marcada por um profundo complexo cultural, que nos torna seres que se pensam desconectados do mundo natural. Em segundo lugar, observando, como fez Hillman (1995a), que nossos modos de trabalho podem estar reencenando o complexo cultural antropocêntrico que nos desconecta da teia da vida. Há uma profunda urgência de uma (eco) psicologia e uma (eco)psicoterapia junguiana para cuidar da ferida da desconexão. Essa ferida é espelhada nas relações políticas e econômicas com que nossa espécie se relaciona com a teia da vida, o que acaba transferindo para esta nossa ferida interior, intoxicando-a com produtos, extinguindo espécies e desorganizando ecossistemas, e, por fim, até a estabilidade climática.

A proposição de que a ferida impingida sobre o Planeta está cabalmente associada às feridas de alma é o argumento central para uma ecopsicoterapia junguiana. Não apenas estão associadas, mas, como de forma quase sincrônica, essas feridas se espelham. As cenas de devastação ambiental, das queimadas de florestas tropicais, do cerrado e do pantanal, e as extinções, que se agravam enquanto aumentam os sintomas psiquiátricos das populações humanas, são faces da mesma moeda. No entanto, parece bastante difícil para o atual momento assimilar tal proposição. Não que haja algo errado com ela. Ocorre que o complexo cultural do antropocentrismo patriarcal condiciona nossa percepção a deixar de fora o liame que nos conecta ao mundo vivo, dessensibilizando-nos enquanto mantém aberto o caminho para a exploração destrutiva da teia da vida.

Seria uma tragédia profissional que, num momento histórico tão delicado, algum analista junguiano permaneça inconsciente desse liame entre a psique humana corpificada num sistema orgânico composto dos mesmos compostos do Planeta e o próprio planeta que nos maternou doando sua bioquímica e uma peculiar expressão de sua psique que chamamos mente humana. Vivemos, dentro da sociedade urbano-industrial-e-de-consumo, uma desleal relação de abuso com essa grande mãe, que nos afeta a todos. Ela se configura como uma desagregação da onipresente família biótica pela arrogância ecocida de uma espécie que, já não mais guiada pelo instinto, é capaz de escolhas ecologicamente insensatas, já que seu saber sequer chega

perto da sabedoria ecológica ancestral que permitiu à nossa espécie chegar em segurança até esse momento da história. Um analista junguiano é fruto de seu tempo exatamente como seu paciente, a não ser que tenha se despedido dos conceitos equivocados, crenças em dissonância com os movimentos da alma ou com os modos de ação da teia da vida. No primeiro caso, um analista junguiano que corporifica em seu trabalho a alienação ecológica, inconsciente desta, e trabalhará a partir da perspectiva antropocêntrica e a favor da perspectiva urbano-industrial-e-de-consumo, despreocupado quanto ao rumo autodestrutivo dessa orientação.

No segundo caso, o quadro é bem diferente. O analista que é capaz de fazer a ponte entre a psique individual e a psique coletiva, e adiciona a essa díade seu pertencimento à grande mãe e às exigências éticas desse pertencimento, se tornará uma força revolucionária no sentido da manutenção da biosfera. A delicada teia da vida está incluída em seu pensar, em seu viver e em seu fazer profissional. Não apenas suas escolhas práticas da vida diária como também sua atuação profissional transpiram a consciência que o próprio Jung tinha de nossa vinculação psíquica ao mundo da natureza. O potencial desfecho trágico da crise climática, por exemplo, está contido na seguinte afirmação: “A natureza pode não ganhar o jogo, mas ela não pode perder.” (JUNG, OC XIII, §229).

Alinhado com a sabedoria ecológica exposta na conhecida Carta do Chefe Seattle (Perry, 2007), clássico da literatura ecológica, que afirma que tudo que acontecer à Terra acontecerá aos filhos da Terra, Jung deixa claro que não estamos vivendo um jogo em que ou ganha a mentalidade exploratória ou ganha a natureza. Se a natureza perde, trata-se simplesmente do fim da vida. Em outras palavras, trata-se do suicídio da atormentada mente que persegue os objetivos de superioridade, ganância e dominação que Zoja (2000) chamou de arrogância, nossa história de perda de limites. Premida por suas dores, seu vazio, seu senso íntimo de pequenez substituído pelos adornos externos de suposta grandeza, a atormentada mente contemporânea está providenciando inconscientemente seu fim de linha.

O homem ocidental não precisa de mais superioridade sobre a natureza, seja ela fora dele ou dentro dele. Pois já tem ambas em uma perfeição quase demoníaca. O que lhe falta é o reconhecimento consciente de sua inferioridade em relação à natureza ao seu redor e dentro de si mesmo. Ele deve aprender que não pode fazer exatamente como deseja. Se não aprender isso, sua própria natureza o destruirá. Ele não sabe que sua própria alma está se rebelando contra ele de forma suicida. (JUNG, OC XI/5, §870).

A crise ecológica precisa ser entendida como sintoma. Roszak (2001) perguntou o que Freud, Jung ou Sullivan pensariam de um CEO que se mata para ganhar mais um milhão, levando consigo as

florestas tropicais? Adicionou a esse ponto a ideia de que vivemos uma loucura-dita-normal, que é fruto da repressão do que chamou de inconsciente ecológico, para ele uma dimensão da psique que guarda a história da evolução da vida e, portanto, fonte de nosso senso de pertencimento, lealdade e reciprocidade em relação à grande mãe. Na atormentada mentalidade que busca sua autodissolução, estão ausentes tanto o senso de pertencimento, como os de lealdade e reciprocidade. É dramático pensar que é esta mentalidade que está, nesse exato instante, tomando as decisões políticas e econômicas que nos afetam a todos(as).

Uma ecopsicoterapia junguiana precisa reconhecer que há um grave adoecimento coletivo em curso e que este não está restrito a fulano ou beltrano, ele é derivado de certas características da cultura dominante. Portanto, olhar de forma crítica para esse complexo cultural da desconexão ecológica, herdeiro da tradição patriarcal-imperial-colonial-capitalista-modernista focado na competição e no poder, e a partir daquilo que esse complexo suprime, passa a ser urgente. Para o analista, há que primeiro reconhecer as sutilezas do complexo da desconexão em si, porque ele está em todos nós em algum grau, como não poderia deixar de ser já que somos filhos dessa tradição. Porém, esse é apenas o primeiro passo para a restauração da saúde, um conceito que precisa ser ampliado e entendido como consequência da qualidade das relações. A saúde, entendida como associada à qualidade das relações, se desprovida do viés antropocêntrico, revelará múltiplas camadas relacionais preñhes de significado, porém relevada à sombra na era da emergência climática: a das relações com o Planeta.

Como sabemos, relações ocorrem entre entes e, em se tratando de um ente não humano como o Planeta, facilmente podemos chegar a pensar que se trata de uma relação unívoca. Afinal, um planeta é uma entidade astrofísica que não pertence ao campo das relações humanas. Como consequência de nossa tradição de conhecimento inspirada na linhagem patriarcal, não existe psique fora da mente humana. Hillman (1995b) nos lembra que os fisiólogos do século XIX acreditavam que os animais não sentiam dor, já que tal sensibilidade é inerente apenas ao funcionamento psíquico. Não por acaso, aos escravos e indígenas também era negado o status de seres com alma. O complexo cultural de desconexão com a natureza é mais profundo e alcança a desconexão com o que quer que seja percebido como diferente e potencial alvo de poder, controle e exploração. Desde o século XIX, muito se evoluiu em termos de reconhecimento dos animais como seres senscientes (Low et al., 2012), porém a sensibilidade humana com respeito à sensciência animal é convenientemente amortecida e ridicularizada na esfera da pecuária, por exemplo. A esses animais também é negado o status de entes senscientes, permitindo que diariamente seja reencenada, com uma espécie diferente de nós,

a relação abusiva e brutal que vimos em relação aos humanos no holocausto, na escravidão e no extermínio indígena. Como é fácil constatar, a mentalidade que está na origem do colapso climático tem, nesse colapso, apenas o último e atual exemplo de seu modo de se relacionar com o que é percebido apenas como coisa explorável e desprovida de qualquer direito. A imagem do planeta azul capturada pela câmera do astronauta Willian Anders em 1968 objetivou outro dos entes que sofrem as consequências de relações não saudáveis: aquele corpo azul dançando no espaço escuro, enquanto dá vida a tudo, é o último bastião da guerra que a mentalidade atormentada trava contra seu próprio destino.

Acreditou-se que, no passado, nossos ancestrais eram membros de seu povoado, sua família, seu território, e apenas nessa pequena esfera de vida acreditavam deixar sua marca. Porém, os achados da ciência foram demonstrando que não há nada mais longe da verdade. Tudo influi em tudo. Essa perspectiva de campo ainda é ausente na mentalidade atormentada em busca de ganho e poder. Daí o conflito aparentemente intransponível entre o econômico e o ecológico. O primeiro não cabe no segundo, seu lugar natural, pela falta de entendimento de que não há nada fora das relações da teia da vida. Jung expressou essa compreensão dessa maneira:

A alma se voltando de forma suicida é um mecanismo de autorregulação que tenta trazer de volta aquela percepção sensível que reconhece a alma daquilo com que nos relacionamos. Essa percepção sensível é dilacerada pela brutalidade oriunda da inflação do ego em guerra contra sua natureza interior e a natureza exterior, a característica central da mentalidade alinhada com o patriarcado-imperial-colonial-consumista. A coisificação da magnífica teia de vida e da consciência a que chamamos natureza caminha *pari passo* com a coisificação da alma humana, de cuja incapacidade de escutá-la vivem os autoritarismos de várias espécies e, mais recentemente, a exploração do tempo e da energia vital das pessoas a serviço de um sistema econômico que operacionaliza a coisificação.

A história da coisificação das pessoas e da natureza é muito antiga. Por mais que movimentos – como o ecológico, da agricultura orgânica, das cidades biofílicas, do respeito aos animais; o movimento *slow* propondo uma vida com mais tempo, como o alimentar-se mais tranquilamente em contraponto ao *fast food*, ou o *slow travel*, para sentir os lugares em contraponto ao conhecer muitos lugares em pouco tempo mas sem viver nenhum, e o movimento minimalista ou da simplicidade voluntária – estejam fazendo um contraponto à coisificação de si mesmo ou da natureza, a coisificação ainda é a norma. O esforço das psicoterapias pode não atingir um radical reposicionamento existencial, como mostra Hillman (1995a), mas prepara o campo da sensibilidade para isso. Seu alcance está associado ao quanto o analista fez em si mesmo esse reposicionamento,

ressalvando que nenhuma boa psicoterapia cria modelos de como os outros devem ser. O alcance de reposicionamento existencial que um analista pode inspirar não decorre de aconselhamentos e muito menos de colocar-se como modelo, o que não seria mais do que vaidade. Decorre sim de oferecer momentos de autopercepção que reconheçam as expressões da alma, sendo seus movimentos sutis escutados com atenção.

Mas a outra parte da equação pode ainda permanecer excluída: a descoisificação da natureza e do Planeta, como ente vivo. Até onde esse é um tema de consultório? Não seria se o analista ainda não tratou de se descontaminar da linhagem patriarcal-imperial-colonial-e-de-consumo, que transforma a vida em produto. Tampouco, se o analista está vivendo sob negação, como a média das pessoas, em relação à tragédia climática anunciada, sem falar dos muitos ecocídios e espécies extintas exatamente por consequência da coisificação. É esse complexo cultural da desconexão com a natureza que promete nos levar também à extinção. Como vemos, sua ausência da paleta de esferas de trabalho do consultório nos cobrará um preço muito alto, como já está cobrando das espécies que dividem conosco este planeta. Parece pedir demais de um analista olhar de forma crítica a mentalidade na qual vivemos, mas nenhum bom analista se forma a não ser desse jeito, especialmente nos tempos ambientalmente sombrios que estamos vivendo.

Quando o nazismo explodiu na Europa, muitos analistas, artistas, cientistas e pensadores perspicazes fugiram para outros continentes para ficar a salvo da perseguição. Muitos dos que ficaram, por falta de leitura crítica, lealdade aos que ficariam ou qualquer outra razão, pagaram com suas vidas a escolha que fizeram. No holocausto climático, não haverá para onde ir. Não há a possibilidade de fugir. É preciso, no entanto, o mesmo grau de perspicácia daqueles que perceberam os perigos do nazismo para fazer o que tem que ser feito como cidadão. A fuga agora é na direção de sair da negação, assumindo posições cidadãs pela defesa radical do direito à vida, e não apenas à nossa vida, mas à vida de todas as espécies. A fuga necessária é também na direção contrária da apatia e da impotência, frente ao tamanho do problema e do despreparo de nossos líderes políticos e econômicos para solucioná-lo a tempo. A inação nos custará muito caro.

Essa é a proporção da necessidade de uma ecopsicologia e de uma ecopsicoterapia junguianas. Felizmente, ela já existe, iniciada pelo próprio Jung. Se ele não foi mais explícito em incluir as relações com a natureza como sintoma, acredito que foi por não ser esse um tema urgente em seu tempo de vida, mais ainda nas belas paisagens suíças em que ele cresceu e viveu. Entretanto, é importante lembrar que, em muitas passagens de sua obra, ele foi absolutamente claro sobre as relações entre natureza interior e natureza exterior. Uma

das obras centrais da Ecopsicologia chama-se *Ecopsychology: Healing the Mind, Restoring the Earth*. Nessa perspectiva, a cura da pessoa implica na cura das relações com a Terra. Seu primeiro passo é tirar o Planeta da categoria de coisa e experimentar a radical sensibilidade que permite ver esse macro-organismo celeste como um ente vivo permeado de consciência, palco de um mundo que é pleno de consciência. Hillman (2006) está absolutamente certo quando evoca a ideia de um novo animismo, por que nos restaura o olhar. E não mais aquele animismo visto como a infância da consciência, como na ciência do século XIX, mas um alicerçado na ciência do comportamento animal, no comportamento vegetal, no comportamento dos elementos químicos, no comportamento dos átomos e no comportamento do Planeta, tal como descrito nos experimentos que deram origem à Teoria de Gaia (Lovelock, 2020), que retratam o Planeta como um organismo vivo. A ancestral ideia de *Unus Mundus* é uma verdade a ser experimentada intimamente.

Considerações finais

Viver como integrantes ativos deste mundo vivo e consciente evoca em nós sentimentos de lealdade, pertencimento e reciprocidade, que são incompatíveis com os modos como nossas sociedades e nossa economia se comportam. E essa é uma revolução que precisa vir da sensibilidade resgatada e vivida em sua plena profundidade. A imagem a inspirar nossa noção sistêmica de saúde deve ser a de uma comunidade planetária centrada na qualidade das relações, aí incluídas as dores inevitáveis e necessárias, já que, tanto na renovação biótica quanto na psicológica, os sofrimentos possuem importante função, da qual as dores do parto são um símbolo universal. Mas o próprio planeta Terra é em si o símbolo central dessa grande transição, de cujas dores estão já evidentes e outras anunciadas. A Terra é essa comunidade biótica em que cada ente cumpre sua função ecológica. Um maravilhoso símbolo de unidade e interdependência, o qual o ecólogo David Suzuki (2009) chamou de Equilíbrio Sagrado. A mentalidade que não percebe essa sacralidade, não a vendo nos ensinamentos religiosos e nem nos ensinamentos da ciência, é a maior expressão de alienação, arrogância e ignorância, além de ser critério para exclusão de futuros líderes políticos e econômicos. Creio ser essa última uma das mais importantes conclusões a que chegarão nossos herdeiros, quando olharem para trás e buscarem entender as escolhas de seus bisavós e tataravós, caso possam ter um futuro.

A nós, da atual geração e, dentro de nossos consultórios, só nos cabe acolher o planeta Terra como interlocutor, nosso e de nossos pacientes. Buscar escutá-lo como escutamos a eles. Deixá-lo dizer o que espera de nós. Também o que espera de nós cada espécie que ainda sobrevive à nossa presença, quando esta se mostra destrutiva.

Na medida em que este planeta é a grande mãe que nos trouxe à vida, é também a mãe de todas as camadas de nosso ser. Penso que o *Self* é seu espelho e, mais ainda, seu porta-voz.

Referências bibliográficas:

- CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.
- JUNG, C. G. **Psicologia e religião oriental**. OC XI/5 ¶870. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JUNG, C. G. **Estudos alquímicos**. OC XIII. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HILLMAN, J. **Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior**. São Paulo: Summus Editorial, 1995a.
- HILLMAN, J. A psyche the size of the earth. In: ROSZAK, T.; KANNER, A. D.; GOMES, M. E. (ed.). **Ecopsychology: restoring the earth, healing the mind**. San Francisco: Sierra Club, 1995b.
- HILLMAN, J. **Ecopsicologia**: mudando o objeto de nosso desejo, Tree Media. Entrevista à Leila Connors para o filme *Décima Primeira Hora*. YouTube, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PCYWhWkwH7Q>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- LOVELOCK, J. **Gaia: um novo olhar sobre a vida na terra**. São Paulo: Edições 70, 2020.
- LOW, P.; EDELMAN, D.; KOCK, C. **Declaração de Cambridge sobre a consciência em animais humanos e não humanos**. São Leopoldo: IHU, 2012. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/172-noticias-2012/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- MERRIT, D. L. **Jung and ecopsychology: the dairy farmers guide to the universe**. Carmel, CA: Fishing King Press, 2012. (vol. 1).
- NAESS, A. The shallow and the deep long-range movement. **Inquiry**, Oslo, v. 16, n. 1-4, p. 95-100, 1973. DOI: <http://doi.org/10.1080/00201747308601682>.
- PERRY, T. **A carta do Cacique Seattle**. Campinas: Versal, 2007.
- ROSZAK, T. **The voice of the earth: an essay in ecopsychology**. Grand Rapids: Phane Press, 2001.
- SUZUKI, D. **The sacred balance: rediscovering our place in nature**. Vancouver: Greystone Books, 2009.
- VON FRANZ, M. L. **C.G. Jung: his myth in our time**. Toronto: Inner City Books, 1998.
- ZOJA, L. **A história da arrogância**. São Paulo: Axis Mundi, 2000.

Psicólogo, Mestre em Psicologia Clínica e Cultura e Doutor em Sustentabilidade pelo UnB. Introdutor da Ecopsicologia no Brasil. Ex-presidente da *International Ecopsychology Society*. Diretor do Instituto Brasileiro de Ecopsicologia. Analista Junguiano, membro do Instituto Junguiano de Brasília, do Departamento de Ecopsicologia da AJB.

marcoecopsi@gmail.com